

Alberto Lins Caldas

A GRANDE  
MORTE  
*do conselheiro esterházy*

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Daniel Zanella

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Arte composta sobre ilustração do pintor  
espanhol Francisco José de Goya y Lucientes (1746 – 1828).  
Da série *Caprichos*, nº 40. Título: *De que mal ele vai morrer?*

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L759g LINS CALDAS, Alberto.  
A grande morte de do conselheiro esterházy / Alberto Lins Caldas –  
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2018.  
206 p.: 21 cm.  
ISBN: 978-85-5833-465-5  
1. Romance I. Título

CDD B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# 1

só falta falar. mesmo sabendo q as palavras não são nada só falta falar. apesar da escuridão mesmo assim só falta falar. é isso q minha pessoa tem pensado a vida inteira. mas minha pessoa nunca fez isso nem consigo mesma. se deixar levar pelo dizer. mergulhar no q sempre foi tudo e é sempre a última palavra. retornar pro essencial. não de quaisquer vidas mas da vida de minha pessoa com o conselheiro esterházy a vida de minha pessoa depois do conselheiro esterházy a vida de minha pessoa durante a longa dolorosa estranha morte de duzentos e setenta e dois dias do conselheiro esterházy.

essa morte depois de muito tempo depois de muito sofrer minha pessoa descobriu q era o eixo donde gira minha pessoa em volta sem poder fugir. mas isso jamais foi claro. se foi a cousa mais evidente do mundo inda assim não era evidente pra minha pessoa. esse centro esse limite q nasce da morte só conduz pra morte pro esquecimento onde tudo ta sempre vazio onde esse vazio de tudo carece de sentido indo caindo sempre na dúvida no silêncio é pra minha pessoa a morte de duzentos e setenta e dois dias do conselheiro esterházy.

q a vida é dor q vicia perversidade esvaziando tudo q foi vivido no momento mesmo de viver loucura tornando tudo mais estúpido do q realmente é porq consegue se esconder sempre dos olhos das mãos da boca.

minha pessoa sabe q o conselheiro esterházy ta morto morto tem muito tempo. sabe também q essa morte durou exatamente duzentos e setenta e dois dias. não foram momentos fáceis ou suportáveis. foi terrível principalmente pra minha pessoa q tava junto dele o tempo inteiro desde a primeira frase no primeiro dia daqueles duzentos e setenta e dois dias e q sempre teve muito próximo dele mesmo antes desses duzentos e setenta e dois dias.

duzentos e setenta e dois dias morrendo parece pouco pra quem só ouve dizer essa morte pra quem atenta somente pra massa crua das palavras q são a ruína o estrume dos sonhos como fazia entender sempre o conselheiro esterházy. mas pra quem ta morrendo pra quem ta junto de quem morre essa morte de duzentos e setenta e dois dias essa morte de duzentos e setenta e dois dias é excessiva dolorosa angustiante. o q todos os homens gastam alguns segundos minutos ou poucas horas o conselheiro esterházy gastou exatos duzentos e setenta e dois dias.

parecia morrer ali dois exércitos em combate ou a humanidade inteira tão velha quanto o próprio conselheiro esterházy sua família sua casa seu tempo. tudo isso muito decrépito muito carcomido muito sujo de morte.

o conselheiro esterházy ao não ser um quaisquer porq o conselheiro esterházy era um esterházy era um conselheiro era um homem homem votado pra gloria deveria morrer o conselheiro

esterházy a grande morte não a morte dolorosamente longa estúpida como morreu o conselheiro esterházy naqueles duzentos e setenta e dois dias. ele mesmo muita vez nos duzentos e setenta e dois dias da sua morte se espantou horrorizado enfrentando aquela morte aquela vida em transe aquela morte q não cessava dentro da vida vida morta como semente podre dentro duma fruta passada mas inda viva.

minha pessoa não aceitou ou compreendeu aquela morte q chegou assim de repente como deve ser com todas as mortes mas demorou duzentos e setenta e dois dias pra se consumir.

minha pessoa mesmo sempre do lado dele nesses duzentos e setenta e dois dias só compreendeu tudo muito tempo depois desses duzentos e setenta e dois dias como se esses duzentos e setenta e dois dias não fossem suficientes pra fazerem entender minha pessoa desses mesmos duzentos e setenta e dois dias. como se nascer e morrer fossem a mesma cousa. como se passar nove meses abismado numa bolha de sangue fosse o mesmo q se curvar sobre si mesmo encarquilhado de velho como engelhado dentro de sangue e água antes de nascer enterrado na escuridão de silêncio de dentro da mãe. do caos pro nada. da água pra terra. da ressequidão daqueles duzentos e setenta e dois dias. feto pra nascer feto pra morrer.

na noite anterior ao primeiro dia daqueles duzentos e setenta e dois dias o conselheiro esterházy foi dormir como sempre. minha pessoa perfumou o quarto com alfazema apesar do incapável fedor sulfúrico ferruginoso e velho de charutos negros e mortos. bateu os lençóis tirando a poeira os grãos de areia q desabavam no passeio na correria dos ratos pelas traves e caibros do telhado ouvindo o ruído dos ratos como música conhecida e

sempre esperada. trocou a roupa peça por peça do conselheiro esterházy. deitou na cama aquela velhice. minha pessoa poliu com o lenço seus óculos e pôs ele no criado-mudo ao lado das dentaduras de marfim no copo d'água. saiu trancando as janelas com todas as traves de madeira fechando minuciosamente cortinas apagando velas e do quarto e seu fedor de charutos negros e mortos deslizou astuciosamente sentindo atrás de minha pessoa a gravidade do silêncio e do negrume.



esse era o último momento do dia de minha pessoa com o conselheiro esterházy. desde q o papai e a mamãe de minha pessoa entregaram minha pessoa pro conselheiro esterházy q de noite era essa a última missão de minha pessoa pois assim ensinara o antigo mordomo com sua negríssima roupa de mordomo antes de deixar estranhamente a casa do conselheiro esterházy pra ir logo depois morrer noutra cidade poucos meses depois da chegada de minha pessoa deixando mesmo assim minha pessoa preparada pra continuar seus conhecimentos sobre os hábitos manias e vontades do conselheiro esterházy.

como cinco horas em ponto o conselheiro esterházy cinco horas em ponto da tarde todas as tardes uma e somente uma vez no dia o conselheiro esterházy se punha no meio do quarto abafado com a insuportável neblina dos charutos negros degustados e o fedor dos charutos mortos como se tivesse em transe o conselheiro esterházy no meio do quarto. então lhe tirava minha pessoa uma a uma as peças de roupa deixando magriço como era velhíssimo como era ali no meio do quarto nu sem


um pelo muito branco muito quebradiço como se fosse uma delicada peça de porcelana e fios de ouro. arrastava de debaixo da cama o aparelho e encostava ele nas pernas dele por trás. ele o conselheiro esterházy se sentava com uma fronha muito limpa muito branca nas mãos calmamente sem fazer força nenhuma nenhum tremor nenhuma expressão e derramava caudalosamente ali dentro ou as fezes resinosas muito moles muito negras do seu corpo chupado ou a massa azulada de talos crispados bolhas caroços como olhos como orelhas como narinas como línguas como dedos decepados.

não fazia isso ficar nu sem um pelo muito quebradiço muito branco no meio do quarto o conselheiro esterházy por ser desavergonhado mas por ter a liberdade como substância da sua alma sendo quem era não possuía essa vergonha q apresentam os q são votados pra pequena morte q tanto incomoda e afasta.



era sempre minha pessoa quem tava ali com ele naquelas cinco horas em ponto da tarde mas se tivesse uma multidão o conselheiro esterházy da mesma maneira taria nu sem um pelo muito branco muito quebradiço no meio do quarto imundo dos charutos negros e mortos derramando azul sua resina mole como bolhas como caroços como olhos como dedos decepados como línguas como narinas como orelhas como talos crispados no aparelho no meio do quarto.

e tudo aquilo não era orgulho ou desprezo mas espécie de ausência de mundo ausência de corpo ausência de tudo aquilo q torna os homens iguais. esse era um dos seus mais esperados rituais nele com certeza minha pessoa não poderia faltar.

toda vez q minha pessoa recorda essa imagem do conselheiro esterházy ele vai aos poucos se metalizando a carne se alterando



metamorfose q paralisa seus braços suas pernas seu pescoço o magriço do rosto num brilho metálico consolidando cada dobra da pele no rijo dum entalhe e nessas horas sinto q por dentro naquela imobilidade ali na recordação de minha pessoa ele o conselheiro esterházy é maciço pesado como bronze como ferro como aço como se tivessem mergulhado ele numa banheira desmontável com o derretido dum metal e tivessem substituído a carne o sangue os ossos as fezes a franha muito branca muito limpa as unhas imensas de galinha morta os cabelos ralos a dentadura frouxa entre os dentes numa escultura ali entorpecido caudalosamente derramando dentro ali do aparelho as fezes resinosas de zinco muito duras muito negras da sua figura chupada numa massa crispada de bolhas caroços talos como olhos de latão como orelhas de cobre como narinas de arame como dedos decepados de chumbo como línguas de níquel numa mesma composição pra sempre.



na noite anterior daqueles duzentos e setenta e dois dias nada tinha sido diferente de todas aquelas noites dos anos anteriores desde quando minha pessoa se tornou o mordomo do conselheiro esterházy. porisso profundamente minha pessoa estranhou quando o conselheiro esterházy no outro dia antes da hora de sempre tocou a campainha e disse claramente q tava morrendo.

se a vida fosse vazia ou fosse tão repleta q vomitasse em cada momento ou cheia e vazia com medida ou destempero inda assim seria vã seria destroço mas inda assim seria vida e porisso





intumescida de todos os sentidos como se fosse encruzilhada aberta pra todas as direções com infinitas placas apontando pra todas as saídas e entradas.

minha pessoa pensou nisso porq o conselheiro esterházy por ter tido uma grande vida um grande nascimento uma grande morte exibia também um grande sono. ele não acordava jamais durante a noite dando a entender q ao fechar os olhos a escuridão raptava ele até o outro dia quando abria os olhos e renascia da noite sem nada recordar criando o universo.

minha pessoa pensou nisso porq teve um pequeno nascimento uma pequena vida assim como terá uma pequena morte porisso minha pessoa tinha um pequeno sono. acorda a cada momento atravessa a noite apenas com os olhos fechados sabendo q ta dormindo mas sentindo q ta acordado. minha pessoa pensa fica remoendo tudo q entope a vida recomeçando depois de cada remoer com os olhos fechados sabendo sempre q ta dormindo com certeza de ta acordado quase sempre pensando na vastidão do esquecimento do conselheiro esterházy no seu grande sono no seu grande descanso e quase sempre dentro do pequeno sono minha pessoa sonha com um quarto fechado sem janelas uma porta q leva pra outro quarto sem janelas e mais uma porta q leva pra outro quarto sem janelas e mais uma porta q leva pra outro quarto. sem janelas.

minha pessoa pensou nisso porq recordou porq ficou tão espantado quando no fim daquela madrugada envolto em canela e cravo a campainha do conselheiro esterházy tocou antes daqueles duzentos e setenta e dois dias da sua morte. minha pessoa levantou surpreso não por ter se levantado de dentro do seu pequeno sono envolto em canela e cravo mas porq o conselheiro

---

Este livro foi composto em Dante MT pela  
Editora Penalux e impresso em papel pólen  
soft 80 g/m<sup>2</sup>, em dezembro de 2018.

---